



RELAÇÕES DIALÓGICAS DAS MEMÓRIAS DOS SABERES DO TRABALHO NA COMUNIDADE DE FURADINHO E SUA CONEXÃO COM OS SABERES ESCOLARES

Renné da Glória Andrade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: renne9152@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

2689

INTRODUÇÃO

Esta comunicação de pesquisa apresenta breves explicações acerca da natureza dos saberes do trabalho na constituição de memórias coletivas na comunidade quilombola de Furadinho e de sua possível integração aos saberes escolares¹. A comunidade está situada a 554 km de Salvador, capital baiana, a 36 km de Vitória da Conquista e a 20 km do distrito de Iguá. O processo investigativo realizou-se a partir de uma abordagem qualitativa baseada na análise de documentos, nas bibliografias selecionadas e no trabalho de campo, mediante entrevistas semiestruturadas.

O entendimento de que o conhecer é a base ineliminável da condição humana para apropriar-se do mundo nos faz refletir sobre as diversas formas de saberes que vamos adquirindo ao longo da vida. Consideramos importante ressaltar que todos os saberes são igualmente importantes, embora cada um se proponha a uma finalidade. Este texto objetiva contribuir para as pesquisas no campo das ciências sociais, uma vez que os saberes dos povos subalternizados merecem nosso reconhecimento por terem sido invisibilizados socialmente pela classe dominante, mesmo sendo fundamentais para o aprendizado e a formação do trabalhador do campo.

As contribuições de Charlot (2000), Thompson (1978), Saviani (2013) norteiam essa comunicação. Inicialmente, estabelecemos as bases nas quais o saber está alicerçado. Em seguida, discutimos formas de apropriação dos saberes do trabalho no quilombo e suas possíveis conexões com os saberes escolares.

¹ Esse material integra um dos capítulos da tese de doutoramento de uma das autoras, cujo título é *A reconstrução da memória dos trabalhadores e das trabalhadoras do quilombo de Furadinho: saberes do trabalho, modos de vida e escola*. O objetivo geral da pesquisa foi analisar os saberes do trabalho, os modos de vida e a relação com a escola que operam na constituição das memórias coletivas na comunidade quilombola de Furadinho, território de identidade de Vitória da Conquista - BA.



DESENVOLVIMENTO

Para melhor compreensão acerca do saber é preciso ter em mente que nem toda forma de aprender consiste em apropriar-se de um saber, ou seja, o aprender não precisa necessariamente estar alicerçado no tripé homem, mundo, sujeito. Aprender pode ser dominar um objeto, ou uma atividade (usar os talheres para se alimentar, andar a cavalo, nadar, dirigir), ou ainda atitudes comportamentais (mentir, seduzir, cumprimentar educadamente uma pessoa). Essas formas diferentes de aprendizagem não consistem, necessariamente, em apropriar-se de um saber.

Por sua vez, o saber é fruto das relações sociais que empreendemos nas práticas humanas de trabalho. “Adquirir saber permite assegurar-se certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, torna-se mais seguro de si, mais independente” (CHARLOT, 2000, p. 60).

A categoria experiência é salutar para apreendermos o sentido dos saberes produzidos do/no trabalho. “A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo”. (THOMPSON, 1978, p. 16). A consciência social, nesse sentido, é a experiência. O ser humano, durante sua trajetória, sofre interferências de uma série de fatores devido a sua convivência em grupos sociais e vai continuamente refazendo sua experiência.

Nessa permanente relação do indivíduo com o mundo e com os outros é possível compreender o saber como algo que ele detém, apropria-se. As pessoas estão envoltas em relações contraditórias e podem aperfeiçoar, copiar ou menosprezar o saber daqueles que estão em condição de subalternidade. As relações contraditórias se instalam nas relações homem-natureza, homem-sociedade e homem-capital. A relação do saber com os outros indivíduos pode ser interrompida, ignorada e invisibilizada pela própria conjuntura social, que sempre negou espaço às minorias.

O acesso ao saber científico, ainda hoje, é uma utopia para muitas famílias. A necessidade de trabalhar para garantir a subsistência do grupo familiar se sobrepõe a todas as outras. Essa necessidade atrelada às dificuldades impostas pelo capital para o acesso e a permanência na escola garante a perpetuação da desigualdade social.

O saber do trabalhador quilombola assenta-se nas práticas de trabalho no campo. Ele começa a ser adquirido desde a infância, quando a criança, por volta dos quatro ou cinco anos, começa a acompanhar os pais no trabalho na roça. Nesse contato entre

2690

Realização:



Apoio:





gerações diferentes, no fazer e refazer das atividades é que o saber vai sendo construído.

Conforme relata Luzimar, uma das entrevistadas² de nossa pesquisa:

Desde a idade 4 a 5 anos, oxe nós levantava era cedo para ir pra roça, pai pegava as roças de ameia do povo aí, quando estava chovendo ou no sol quente nós tinha que trabalhar, era capinando, plantando mandioca, essas coisas tudo.[...] Era meu pai que ensinava nós a plantar milho, pai ensinava. Para plantar milho mesmo, era uns 4 caroços de milho, 4 caroços de feijão na cova (risos).

As demandas relativas ao trabalho das crianças no campo vão se alterando de acordo com a idade e a experiência. A produção do quilombo almeja garantir a subsistência da família. Mesmo sem possuir nenhuma formação escolar, moradores planejam mentalmente suas atividades antes de executá-las, atuam com intenção para atingir determinados propósitos, mesmo que, no percurso, devido a intempéries, possam não alcançar os objetivos propostos inicialmente.

No tocante à execução do trabalho, ela é realizada normalmente pelo próprio trabalhador e por seus familiares e requer determinados conhecimentos (saberes), inviabilizando a ação do fazer por parte daqueles que não os dominam. Os trabalhadores e trabalhadoras ao explorar os recursos naturais aprendem, nas práticas diárias de trabalho no campo, novas formas de agir e fazer. Assim, à medida que vai adquirindo mais experiência, os saberes podem ser reconfigurados e transformados em memória coletiva da comunidade. Em Furadinho, a produção é realizada por grupos familiares. Cada família cultiva em seu lote milho, mandioca, abóbora, feijão (catador) e hortaliças, o que constitui uma economia de subsistência. Os saberes utilizados no manejo do solo, no plantio, na colheita foram adquiridos pelos antepassados das atuais famílias e continuam sendo empregados.

Para Saviani (2013), o processo de aprendizagem não é aleatório. O principiante precisa dominar várias etapas do processo de trabalho para chegar à liberdade de poder assumir funções diversas. Embora Saviani (2013) esteja se referindo ao saber escolar, no campo, o domínio dos saberes do trabalho perpassa também o mesmo processo de compreensão, persistência e assimilação, permitindo ao trabalhador, ao final, alcançar a autonomia de gerir o próprio roçado.

² A gravação da entrevista semiestruturada compõe o material de campo da pesquisadora e foi realizada em 21/08/2021, na casa de sua mãe, Dona Madalena, na comunidade de Furadinho, em dia e horário previamente agendados. Logo após, foi realizada a transcrição do material. A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em 23/09/2021 e foi aprovada com o CAAE: 53841121.5.0000.0055 em 17/12/2021.



Os saberes do trabalho atrelados ao saber científico podem ser reconfigurados ao gerar outras possibilidades do saber/fazer por meio da integração teoria e prática. Nessa perspectiva, é imprescindível que os trabalhadores possam apropriar-se do saber científico para que ocorra a transformação nas relações sociais. Cury (1989) salienta que o saber educacional pode torna-se um instrumento de “crítica das armas” para melhoria das condições sociais. Quando as classes subalternas se apropriam dos saberes escolares (científicos) podem lutar por seus direitos e não aceitar, pura e simplesmente, as imposições da classe dominante.

A condição econômica no quilombo impulsiona a migração de seus habitantes que saem em busca de trabalho e, concomitantemente, acabam excluídos do processo escolar. A exclusão de jovens do processo escolar fortalece práticas de exploração do trabalho. Na verdade, a organização da escola para a classe desprivilegiada produz um ensino que fortalece o mercado capitalista, na medida em que o aluno da classe subalternizada quando consegue chegar à escola aprende apenas o básico para ingressar no mercado de trabalho, em funções menos remuneradas.

O processo emancipatório por meio do saber escolar preconizado por Cury (1989) está distante da realidade da comunidade pesquisada. Conforme pode ser constatado no Diagnóstico do Quilombo de Furadinho (DQF) (2013), a taxa de analfabetismo na comunidade gira em torno de 19,23%. Aproximadamente 73,08% dos moradores possuem apenas o Ensino Fundamental I e somente 7,69% conseguiram concluir o Ensino Médio. A baixa escolaridade em Furadinho corrobora para a manutenção das desigualdades econômicas e sociais na localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes do trabalho são conhecimentos que vão sendo construídos nos diferentes fazeres, na vida cotidiana das pessoas. Thompson (1987) nos adverte sobre a necessidade de levarmos em consideração o contexto, as condições de vida material dos sujeitos, seus costumes, sua educação e suas tradições frutos da experiência humana para apreensão de suas singularidades. Entretanto, para o desenvolvimento social e técnico desses saberes é necessário o estabelecimento de conexões com os saberes escolares.

Há muita controvérsia envolvendo a forma como o saber escolar é transmitido, principalmente, dependendo da classe social a que o indivíduo pertence, mas todos concordam que o saber escolar é a materialização dos conhecimentos historicamente



adquiridos pela humanidade. O saber escolar precisa estar atrelado a interesses dos subalternizados para melhoria das condições sociais. Quando isso ocorre, há maior probabilidade desses sujeitos desnudarem o véu encobridor das situações de exploração e dominação a que estão submetidos. Sem acesso ao saber escolar o indivíduo tem apenas uma consciência parcial das relações sociais e vê a própria situação social como uma fatalidade do destino. Ao apossar-se do saber científico, sua visão de mundo pode se modificar e ele pode passar então a ter consciência da totalidade das contradições que permeiam a realidade.

2693

PALAVRAS-CHAVE: Saber. Saberes do trabalho. Saberes escolares.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

BAHIA. Secretaria de Desenvolvimento; Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. **Diagnóstico Do Quilombo Furadinho.** Projeto de inclusão das comunidades remanescentes de quilombos. Salvador: Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, 2013.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** v.1, 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

Realização:



Apoio:

